

La Comédiathèque

Matadores de piadas

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Matadores de piadas

Comédia de esquetes

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Assassino a soldo, uma profissão pouco conhecida, mas de utilidade pública e com futuro, especialmente em tempos de crise. À mesa de um café, cruzam-se várias personagens que exercem esta nobre função, junto com os seus clientes, cujos motivos são tão diversos quanto surpreendentes. E tu? Se pudesses eliminar uma única pessoa neste mundo sem sofrer consequências, fá-lo-ias? E quem escolherias?

1. Contrato.....	3
2. Bloody Mary.....	8
3. Presente.....	12
4. Sindicalismo.....	15
5. Elogio fúnebre.....	17
6. O Salvador.....	19
7. Batalha.....	22
8. Má Sorte.....	24
9. O Dia das Mentiras.....	26
10. Memórias.....	28
11. Lola.....	31
12. Assinaturas.....	34

24 personagens

Elenco muito adaptável em número e género, cada ator pode interpretar vários papéis, e quase todas as personagens podem ser masculinas ou femininas.
De 2 a 24 atores (homens ou mulheres).

© La Comédiathèque

1. Contrato

Dois personagens estão sentados à mesa de um bar, cada um com um copo de vinho tinto.

Um – Então, à tua saúde!

Dois – Saúde!

Bebem um gole. O primeiro faz uma careta. O outro parece saborear.

Um – Isto está mesmo horrível, não achas?

Dois – Sim, mas para mim sabe a liberdade.

Um – Porquê? Acabaste de sair da prisão?

Dois – Quase. Tenho os meus sogros em casa de férias. Consegui escapar por uma hora.

Um – Ah, coitado.

Dois – Disse-lhes que ia verificar o nível do óleo do carro.

Um – Não tens um carro elétrico?

Dois – Sim... Vê só até onde cheguei...

Um – Ah, claro...

Dois – Só passaram dois dias e já não os aguento. Especialmente o meu sogro...

Silêncio.

Um – Queres que eu te livre deles?

Dois – Queres levá-los para tua casa, é isso? Se a minha mulher estiver de acordo, passo-te já. Estou disposto a pagar, sabes? Até te oferecia o dobro do preço de uma noite numa casa rural. Porque te garanto que não é nenhum presente.

Um – Não, queria dizer... fazê-los desaparecer.

Dois – Desaparecer? És ilusionista? O problema é que, quando um ilusionista faz desaparecer alguém, essa pessoa reaparece passados uns minutos. De que me serviria isso? E tu não és mágico, pois não?

Um – Não, claro... O que te proponho é fazê-los desaparecer... definitivamente.

O outro fica um momento desconcertado.

Dois – Muito engraçado.

Um – Não estou a brincar.

Dois – Definitivamente...?

Um – Conheço alguém que pode tratar disso, se quiseres.

Dois – Estás a brincar?

Um – Nada disso.

Dois – Um assassino a soldo, dizes?

Um – Faria isso só para fazer um favor. Mas, claro, não de graça.

Dois – Tu conheces assassinos a soldo?

Um – Não, não conheço... assassinos a soldo. Mas conheço um.

Dois – Eu não conheço nenhum, sabes? Onde é que encontraste esse tipo?

Um – Na prisão.

Dois – Na prisão?

Um – Partilhámos a mesma cela durante três anos.

Dois – Estiveste na prisão?

Um – Pois sim.

Dois – E porquê?

Um – Porquê?

Dois – Porque é que foste preso? O que fizeste?

Um – Tentativa de homicídio.

Dois – Tentativa?

Um – Falhei. Não era muito bom nisso. Mas ele é profissional, garanto-te. Já fez mais de um, asseguro-te.

Dois – Estás a gozar...

Um – Nada disso.

Dois – Estás a falar a sério?

Um – Muito a sério.

O outro digere a informação.

Dois – Isto é loucura. Não sabia que existiam assassinos a soldo, a não ser nos filmes. Então faz-se um pedido, como uma pizza, e...

Um – Sim. Chama-se contrato.

O outro volta a refletir.

Dois – Um contrato... E quanto custaria? Não, estou a perguntar só por curiosidade, ok?

Um – Depende...

Dois – Depende de quê?

Um – Para começar, é só um ou são os dois? Porque dizes que é sobretudo o teu sogro que...

Dois – Não sei. Quanto seria por pessoa?

Um – Teria de lhe perguntar... À volta de 8500 euros, talvez.

Dois – Ah, sim, é bastante preciso, não?

Um – Se forem os dois, ele faz-te um desconto, com certeza.

Dois – Quanto?

Um – Para um casal... uns quinze mil.

Dois – Falamos de IVA incluído, suponho.

Um – Se não precisares de fatura, pagas em dinheiro, é mais fácil.

Dois (*pensativo*) – De acordo...

Um – Queres que lhe fale de ti?

Dois – Não, não, nada disso... Disse “de acordo” como podia ter dito... entendi. Claro que não estou de acordo. (*Pausa*) Embora reconheça que é bastante tentador...

Um – Sim.

Dois – E é arriscado, não? Quero dizer... o crime perfeito não existe.

Um – O que te leva a dizer isso?

Dois – Não sei... É o que dizem.

Um – Por definição, os crimes perfeitos não são classificados como crimes. São dados como acidentes, mortes naturais, suicídios... Por isso, um crime perfeito, não se pode saber se existe. É por isso que dizem que não existe.

Dois – Percebo... Para não despertar vocações.

Um – Talvez, de cada cem pessoas que morrem, dez foram vítimas de um crime perfeito e não o sabemos.

Dois – Achas?

Um – Pelo menos, conheci muita gente que cometeu crimes perfeitos.

Dois – Ah sim? E onde os conheceste?

Um – Na prisão.

Dois – Se tinham cometido crimes perfeitos, o que faziam na prisão?

Um – Não, mas estavam na prisão por outra coisa.

Dois – Pois... Isto não é muito tranquilizador, sabes. Acho que vou pensar um pouco mais sobre isto. Além disso, quinze mil euros é uma quantia, não?

Pausa.

Um – E os teus sogros, pensam vir de férias a tua casa todos os anos?

Dois – Sim... por isso é que não te digo que não de imediato...

Um – Como quiseres.

Dois – Por outro lado, não quero acabar na prisão, como tu.

Pausa.

Um – Também existe o rapto.

Dois – Um rapto?

Um – É menos definitivo, mas... se fores apanhado, a pena é menor. E além disso, podes pedir um resgate.

Dois – Um resgate?

Um – E com o resgate, podes pagar ao encarregado do rapto. Não te custa nada. Se te souberes mexer, até podes ganhar algum dinheiro.

Dois – Um resgate...? A quem pediríamos um resgate?

Um – Isso não sei...

Dois – Quem estaria disposto a pagar um resgate para libertar o meu sogro? A minha sogra, talvez, e nem isso é certo. E, além disso, ela não tem dinheiro.

Um – Eles não têm outros filhos?

Dois – Sim, o meu cunhado. E a minha cunhada. Chegam na próxima semana.

Um – Também passam férias na tua casa?

Dois – Sim, infelizmente.

Um – Ah...

Dois – Pois é.

Pausa.

Um – Não me digas que também queres livrar-te deles.

Dois – Depende. Para quatro, achas que o teu amigo me faria um grande desconto?

Um – Não sei... Há mais gente de quem querias livrar-te assim?

Dois – Também não suporto os meus pais... Sem falar das minhas duas irmãs e os seus maridos idiotas.

Um – Eles também vêm de férias a tua casa?

Dois – Ah, não. A eles não convidei. Mas mesmo assim incomodam-me. E quando acabarem as férias, é o meu chefe...

Um – Bem, o meu amigo é só um assassino a soldo. Não se dedica a chacinas, como nos Estados Unidos.

Dois – Tens razão, afinal, enquanto houver alguém para me chatear... Não, não me vou meter nisso, não acabaria nunca. E, além disso, não tenho meios...

O outro levanta-se.

Um – Nesse caso, vou-me embora.

Dois – Sim, eu também. Tenho gente à espera em casa...

Um – Pois então... Boas férias para ti.

Dois – Obrigado...

Um – E se mudares de ideia, tens o meu número.

Dois – OK... Com quem vais passar as férias?

Um – Só com a minha mulher.

Dois – Não me digas que os outros...

Um – Se te dissesse... já não seria o crime perfeito.

Sai. O outro fica um instante pensativo e sai também.

2. Bloody Mary

Uma mulher bastante sofisticada está sentada sozinha numa mesa com um copo de cocktail vazio. Um homem aproxima-se.

Ele – Olá, posso oferecer-te uma bebida?

Ela – Até duas ou três, se quiseres.

Ele – Não tenho a certeza se tenho dinheiro suficiente para tanto.

Ela – Então comecemos com uma. Como te chamas?

Ele – Francisco, mas podes chamar-me Paco. E tu?

Ela – Mary. Mas podes chamar-me como quiseres.

Ele – Bem... E o que gostarias de beber, Mary?

Ela – O mesmo. Um Bloody Mary.

Ele – Um cocktail... Isso é caro, não? Quanto custa?

Ela – Não sei. (*Apontando para um homem na sala*) Aquele cavalheiro ali foi quem me ofereceu.

Ele – Ah, claro...

Ela faz um pequeno gesto ao homem com um sorriso sedutor, antes de se voltar de novo para o seu interlocutor.

Ela – Então, que dizes?

Ele – Ah, sim, desculpa... (*Revira os bolsos.*) Estou tão habituado a ouvir um "não" que nem sei se tenho o suficiente. Gastei as poucas moedas que me sobravam em veneno.

Ela – É verdade que pareces um pouco desesperado, mas não creio que o suicídio seja a solução, sabes?

Ele – Ah, não, mas... Não é para mim.

Ela – Queres envenenar alguém?

Ele – Sim, bem... Não... É veneno para formigas.

Ela – Entendo... Posso pedir um café... se isso for mais compatível com o teu orçamento.

Ele – Na verdade, acho que não tenho dinheiro nenhum comigo.

Ela – É essa a tua técnica para que te ofereçam uma bebida?

Ele – Às vezes funciona.

Ela – Bom, digamos que hoje é o teu dia de sorte. O que vais beber?

Ele – O mesmo que tu.

Ela – Tens gostos caros para alguém que não pode oferecer uma bebida a uma mulher.

Ele – Também tenho dinheiro de vez em quando, sabes? Mas no meu trabalho, há altos e baixos.

Ela – E... qual é o teu trabalho?

Ele – Sou assassino a soldo.

Ela – Entendo... E agora, é mais época baixa.

Ele – É isso.

Ela – E já mataste muita gente na tua vida?

Ele – Uns quantos.

Ela – E agora estás a trabalhar em alguma coisa? Além dessas formigas...

Ele – Compreenderás que não posso dizer nada sobre isso.

Ela – Claro... Segredo profissional...

Ele – Lamento.

Ela – Não vejo o empregado...

Ele – Eu trato disso.

Levanta-se.

Ela – Vou beber mais um contigo... Diz ao empregado que ponha tudo na conta daquele senhor...

Ela indica o homem na sala que supostamente lhe tinha oferecido a bebida. Ele afasta-se do palco. Ela aproveita para flertar um pouco com o homem na sala. Ele regressa com dois Bloody Mary e senta-se.

Ele – Aqui tens.

Ela – À tua saúde!

Ele – À tua!

Ele começa a beber.

Ela – Ah, acho que chamaste a atenção.

Ele – Desculpa?

Ela aponta para uma mulher no público.

Ela – Não reparaste? Ela não tira os olhos de ti...

Ele – Tens a certeza?

Ele olha para a mulher no público. Ela aproveita para trocar os copos.

Ela – Se não resultar comigo, podes sempre tentar com ela... Parece mais ao teu nível.

Ele – Por que não...?

Ela – Vá lá, à saúde da tua próxima vítima.

Brindam e bebem.

Ele – Obrigado pelo cocktail.

Ela – Desculpa insistir, mas estou obviamente um pouco intrigada. É a primeira vez que conheço um assassino a soldo...

Ele – Quando conheces um assassino a soldo, sabes que a primeira vez costuma ser a última...

Ela – Tens razão! Não tinha pensado nisso.

Ela bebe novamente.

Ele – O que queres saber?

Ela – Se tivesses de matar uma mulher, como farias?

Ele – Há vários métodos, mas para uma mulher... É preciso ser elegante. Um pouco de estricnina no copo dela, talvez...

Ela sorri.

Ela – Sei para quem trabalhas.

Ele – Ah, sim?

Ela – E sei que te contrataram para me matar.

Ele – Por que alguém haveria de querer matar-te?

Ela – Eu também sou assassina a soldo. Chamam-me Bloody Mary.

Ele – Entendo...

Ela – És o terceiro assassino a soldo que me enviam. Admito que os outros dois eram menos divertidos do que tu.

Ele – E... o que aconteceu com eles?

Ela – Morreram. Subitamente...

Ele – E tu continuas viva...

Ela – Como podes ver. Estou em plena forma.

Ele – Não por muito tempo.

Ela – E o que te faz pensar isso?

Ele – Deitei estricnina no teu copo.

Ela – Troquei os nossos copos enquanto olhavas para aquela fulana.

Ele – Ah...

Ela – Calma, vai ser rápido.

Ele revira os bolsos e tira dois envelopes que compara.

Ele – Merda...

Ela – O quê?

Ele – Enganei-me de envelope. O que pus no teu copo, bem, no que bebi eu, não era estricnina. Era veneno para formigas...

Ela – Então era verdade? Também tens um contrato com um formigueiro?

Ele – Não, mas tenho muitas formigas em casa, e é muito chato, acredita.

Ela – Por sorte para ti, não és uma formiga.

Ele – E parece que nem as formigas sentem muito efeito.

Ela – Então, podes acabar o teu cocktail envenenado.

Ele – Sinto-me um pouco estranho, de qualquer forma.

Ela – Estranho, queres dizer... ainda mais estranho do que o habitual?

Ele – Sinto como... um formigueiro nos braços.

Ela – Formigueiro?

Ele – Pelos vistos, também é bastante laxante. Desculpa, vou ter de deixar-te.

Ela – Foi um prazer beber contigo. Até à próxima, talvez...

Ele sorri e afasta-se rapidamente.

3. Presente

Uma personagem está sentada numa mesa. Sobre a mesa há uma garrafa de champanhe num balde de gelo e duas taças. Outra personagem chega.

Um – Estás aqui há muito tempo?

O outro levanta-se.

Dois – Cinco minutos. Tudo bem?

Dão um beijo na bochecha e voltam a sentar-se.

Um – Tudo ótimo. E contigo?

Dois – Bem.

Um – Champanhe? O que estamos a celebrar?

Dois – Não adivinhas?

Um – Claro... Então, como te sentes com mais um ano?

Dois – Lembraste-te... Que simpático.

Um – Mais que isso... (*Tira um envelope do bolso e entrega-lho.*) Toma, não sabia o que te oferecer, por isso... aqui tens.

O outro parece um pouco na defensiva.

Dois – Um envelope? O que é?

Um – Abre e verás...

Dois – Primeiro brindemos, enquanto está bem fresco.

Enche as duas taças. Brindam.

Um – Vamos! Feliz aniversário!

Dois – Obrigado! À tua saúde!

Bebem.

Um – Então, abres o envelope?

O outro continua sem estar muito entusiasmado.

Dois – Ah, sim, claro... Estou intrigado... O que poderá ser?

Abre o envelope.

Um – Não sabia o que poderia agradar-te, por isso pensei que, pelo menos, isto seria um presente original.

Dois – Não me digas que é outro vale para um salto de paraquedas ou algo parecido...

Tira um papel do envelope e olha para ele.

Um – E então?

Dois – Um vale... para um assassino a soldo.

Um – Eu disse-te... é original.

Dois (*lendo*) – Elimina quem quiseres...

Um – Só tens de preencher o nome do destinatário no espaço em branco.

Dois – O destinatário...?

Um – A pessoa de quem sempre sonhaste livrar-te.

Dois – Ah, claro...

Um – E para ter a certeza de que não há erros, também podes acrescentar o endereço e anexar uma foto.

Dois – Entendido...

Um – Gostas?

Dois – Pois, é... É verdade que é um presente... original.

Um – E... já tens uma ideia?

Dois – Uma ideia?

Um – O nome da pessoa que vais pôr na lacuna!

Dois – Ah, eu... Não, ainda não... Vou ter de pensar nisso...

Um – Atenção, só tens direito a um nome. E não podes repetir. Está claramente especificado no contrato.

Dois – Ah, claro...

Um – Depois, poderia levantar suspeitas, sabes.

Dois – Claro. Bem... Sim, vou pensar...

Um – Mas não demores muito, está bem? Já viste que só é válido durante um ano.

Dois – De acordo...

Um – Eles comprometem-se a executar o contrato nos seis meses seguintes à entrega do formulário. Satisfação garantida ou devolvem-te o dinheiro!

Dois – Não, não, é... É um grande presente.

Um – De certeza que tens alguma ideia... Se só pudesses eliminar uma pessoa neste mundo...

Dois – Tenho um nome em mente, mas...

Um – Vê, está bem especificado que tem de ser uma pessoa comum, ok? Nada de presidentes em exercício, apresentadores de televisão ou celebridades. Não, alguém da família, por exemplo. Um amigo ou...

Dois – Um amigo?

Um – Um amigo que te tenha traído.

Dois – Traído?

Um – Um tipo que se tenha deitado com a tua esposa, por exemplo.

Dois – Estás a insinuar que a minha esposa me engana?

Um – Nada disso! É só um exemplo. Pode ser... Não sei... A tua sogra, o teu chefe, o inspetor das finanças... Ou a tua esposa, pronto.

Dois – Porque me engana?

Um – Porque já não a suportas. Queres recuperar a tua liberdade, mas não queres pagar-lhe uma pensão o resto da vida.

Dois – Dou-me muito bem com a minha esposa.

Um – Não me digas que não há ninguém no teu círculo sem o qual a tua vida seria mais agradável.

Dois – Ao ponto de o matar? Não, não me ocorre ninguém...

Um – És mesmo difícil... Sei lá, alguém que simplesmente te tire do sério.

O outro começa a perder a paciência.

Dois – Alguém que me tira do sério... porque todos os anos me oferece presentes de merda no meu aniversário, por exemplo?

Um – Achas que te dou sempre presentes de merda?

Dois – No ano passado foi um vale para dez sessões experimentais com um psicanalista. E o ano anterior, era para organizar o meu próprio desaparecimento!

Um – Além disso, esse nem sequer usaste.

Pausa.

Dois – Vou pôr o teu nome...

O outro observa-o a escrever no papel, com uma expressão inquieta.

Um – Não, mas ainda podes pensar um pouco... Queres outra taça?

4. Sindicalismo

Uma personagem está a beber um copo numa mesa. Outra personagem chega.

Um – Olá. Estás sozinho?

Dois – Ao que parece, somos os primeiros.

Um – Não sei se virá muita gente. Confesso que eu próprio hesitei em vir.

Dois – É a primeira reunião. Talvez não tenham conseguido avisar todos a tempo.

Um – Espero que a polícia não tenha sido informada.

Dois – Tens razão... Um Sindicato de Assassinos a Soldo... Não sei se é uma boa ideia.

Um – É verdade que, juntos, seríamos mais fortes para defender os nossos interesses, mas...

Dois – Que interesses?

Um – Por exemplo, harmonizar as nossas tarifas. Assim evitamos fazer concorrência desleal entre nós ao baixar os preços.

Dois – Sim... Mas também não queremos ser acusados de colusão ilegal.

Um – Ilegal?

Dois – Tens razão. Nesse sentido... já trabalhamos na ilegalidade.

Um – Como as prostitutas.

Dois – Elas, acho que conseguiram ser afiliadas à Segurança Social e contribuem para a reforma.

Um – Achas que um dia a nossa profissão poderá ser reconhecida pelo Estado?

Dois – E por que não também de utilidade pública? Afinal de contas... o crime sempre existiu. Sempre existirá.

Um – É até a profissão mais antiga do mundo. Mais antiga que a prostituição.

Dois – Pois é. Alguém fazia rua quando Caim matou Abel?

Um – Deveria ter contratado um profissional, teria evitado muitos problemas.

Dois – Matar é uma profissão, então, por que não regular a nossa atividade com leis?

Um – Sim... Mas vão dizer-nos que não é democrático. Que só os ricos podem pagar para eliminar quem os incomoda.

Dois – A menos que seja coberto pela Segurança Social.

Um – Pela Segurança Social, dizes?

Dois – Não sei...

Pausa.

Um – E então, como vão os negócios?

Dois – Um pouco parados neste momento.

Um – Qual foi o teu último trabalho?

Dois – Uma mulher que não tinha coragem para se suicidar. Queria que eu tratasse disso.

Um – Isso é fácil. Pelo menos ninguém virá queixar-se.

Dois – Pois não penses. À última hora, mudou de ideias. Como tinha um vale, pediu-me para matar o marido em vez dela. Agora parece que está melhor... (Pausa.) E tu?

Um – Tinha que acabar com uma velha. O tipo tinha comprado a casa dela em renda vitalícia e ela já tinha cem anos.

Dois – Azar... Mas é nestes casos que a nossa profissão tem uma verdadeira utilidade social.

Um – Logo depois de assinar o contrato para ajudá-la a morrer com dignidade, morreu a fazer bungee jumping.

Dois – A fazer bungee jumping?

Um – Os netos ofereceram isso no seu centésimo aniversário.

Dois – E a corda partiu-se...

Um – Não. Foi o coração que falhou.

Dois – Que pena.

Um – Então o cliente quis que eu devolvesse o dinheiro.

Dois – E o que fizeste?

Um – Um contrato é um contrato.

Dois – Afinal, está morta.

Um – Não quis entender. Em vez de matar a velha, tive que me livrar do cliente.

Dois – Matar os clientes não é bom para os negócios.

Um – Por isso, nestes casos, um sindicato para resolver disputas comerciais...

Pausa. Ouve-se uma sirene de polícia.

Dois – Ah, parece que afinal não estaremos sozinhos...

5. Elogio fúnebre

Duas personagens estão sentadas à mesa, com uma expressão sombria. Silêncio.

Um – E é assim. Outro que se vai.

Dois – Vamos sentir a falta dele.

Um – Os melhores são os primeiros a ir-se.

Dois – Sim... (*Pausa*) Embora, no caso dele, não sei se se pode dizer que fazia parte dos melhores...

Um – É verdade, mas enfim... Um colega é um colega. Temos um trabalho tão difícil.

Dois – E tão pouco reconhecido.

Um – E além disso, era um tipo simpático, apesar de tudo.

Dois – Sim.

Um – Não percebi muito bem. Exatamente como morreu?

Dois – Acidente de trabalho.

Um – Um acidente?

Dois – Engoliu, por engano, o veneno que tinha destinado a uma das suas vítimas.

Um – Ora essa... Que tipo de veneno?

Dois – Não vais acreditar, mas segundo me disseram... veneno para formigas.

Um – Formigas?

Dois – Sim...

Pausa.

Um – Não, definitivamente, não era o melhor.

Dois – Pode-se dizer que manchava a imagem de profissionalismo que queremos associar à nossa profissão.

Um – Sim, já era altura de deixar isto.

Dois – Disse-lhe tantas vezes para mudar de rumo. Não tinha jeito para isto, era evidente.

Um – Não imaginas as asneiras que ele fez.

Dois – Contaram-me que um dia, quando tinha que assassinar o marido de uma mulher, envenenou o amante dela.

Um – E como acabou isso?

Dois – Culparam o marido traído de ter matado o rival e meteram-no na prisão.

Um – De certa forma, conseguiu livrá-la do marido.

Dois – Sim... mas o amante estava morto.

Um – Esse tipo era uma vergonha para a nossa profissão.

Dois – Não sei, na verdade. Devia haver algum tipo de formação.

Um – Validada com um diploma.

Dois – E uma Ordem Profissional, para excluir as ovelhas negras.

Um – Enfim, já não fará mal a ninguém.

Dois – Pois não.

Pausa.

Um – Embora, é verdade, era simpático.

Dois – Simpático, mas idiota.

Um – Sim...

Esvaziam os copos.

6. O Salvador

Uma personagem está sentada numa mesa, em frente a um jarro e um copo. Parece despreocupada. Abre um jornal. Outra personagem chega, com uma pistola na mão, tentando não ser vista. Mastiga pastilha elástica. O primeiro não a nota, pois tem o jornal à frente dos olhos. O homem com a pistola aponta-a, ainda a mastigar a pastilha. Está prestes a disparar quando se engasga e começa a tossir, sufocando-se. O outro baixa o jornal, vê-o e vai em seu auxílio. Dá-lhe umas palmadas nas costas.

Um – Estás bem?

O homem com a pistola não responde e continua a sufocar. O outro faz-lhe a manobra de Heimlich, posicionando-se atrás dele e exercendo pressão no peito. O homem com a pistola finalmente cospe a pastilha e começa a recuperar o fôlego.

Um – Melhor?

Dois – Engasguei-me com a pastilha.

Um – Bom, o importante é que já estás bem.

Dois – Se não estivesses aqui... (*Tosse um pouco.*) E não soubesses o que fazer...

Um – É a manobra de Heimlich. Dizem que é o que se deve fazer nestes casos. Vi na televisão. É a primeira vez que a faço, mas parece que funciona.

Dois – Em qualquer caso, salvaste-me a vida.

Um – Não exageres.

Dois – Sim, sim...

Um – Queres beber algo para te recuperares?

Dois – Vou tentar não me engasgar outra vez...

O outro serve-lhe um copo do jarro. O homem, que ainda segura a pistola na mão direita, pega no copo com a esquerda e bebe com avidez.

Dois – Isto sabe bem.

Um – Fico contente... (*Pausa*) Mas se me permites... O que fazes com uma pistola na mão?

Dois – Ah, sim, a pistola... Eu...

Um – Vieste assaltar este bar?

Dois – É que...

Um – Um bar de bairro, assim... Não acho que haja muito na caixa... Arriscas-te a acabar na prisão por uns trocos?

Dois – Claro...

Um – Se estás a passar um mau momento, posso ajudar-te.

Dois – Farias isso? Quer dizer... Não, não posso aceitar, mas...

Um – Mas o quê? Faço-o de bom coração, sabes?

Pausa.

Dois – Na verdade sou assassino a soldo. Vim para te matar.

Um – Ora... Porquê?

Dois – Não é nada pessoal, garanto-te... É só o meu trabalho.

Um – Compreendo...

Dois – Pois... Mas agora que me salvaste a vida... Isso deixa-me em apuros, claro...

Um – Lamento muito causar-te problemas... Talvez não devesse ter feito nada...

Dois – Pois, sim, mas... (*Pausa*) És uma boa pessoa, não és?

Um – Quando posso fazer algo para ajudar o próximo...

Dois – Por que razão alguém gostaria de matar alguém como tu?

Um – Contava que fosses tu a dizer-me.

Dois – Os nossos clientes nem sempre nos dizem os motivos. O que lhes importa é o resultado... E para nós, o que conta é que nos paguem. Às vezes, é melhor não saber, além disso.

Um – Não deve ser um trabalho fácil.

Dois – És tão simpático... Entendo que, a longo prazo, isso possa incomodar alguns... Mas daí a colocar um contrato sobre ti...

Um – Não quero causar-te problemas. Faz o que tens de fazer...

Dois (*aborrecido*) – Pois sim, mas agora que me salvaste a vida...

Um – Desculpa.

Dois – Diz “desculpa” mais uma vez e eu disparo.

Um – Perdão, é que... E agora, o que fazemos?

Dois – Não sei... Tenho de pensar... Um contrato é um contrato...

Deixa a pistola sobre a mesa e começa a massajar o braço direito.

Um – Estás bem?

Dois – Sim, mas não sei o que se passa... Desde esta manhã sinto uma dor no braço...

Um – Como assim, dor no braço?

Dois – Como... um formigueiro.

Um – Não tens problemas de ereção?

Dois – De ereção?

Um – Perdão, queria dizer de elocução...

Dois – Não mais do que o habitual.

Um – Problemas de visão?

Dois – Agora que falas nisso, é verdade que há algum tempo vejo um pouco desfocado...

Um – Não se brinca com isso. Pode ser que estejas a ter um AVC.

Dois – Um AVC?

Um – Um acidente vascular cerebral. Os sintomas coincidem. Espero que não seja isso, mas não devemos correr riscos. Vou ligar para as emergências...

Dois – Tens a certeza?

Um – Os AVCs são uma das principais causas de mortalidade no nosso país. E as primeiras horas são decisivas. Se for detectado a tempo, podes ficar sem sequelas. (*Marca um número.*) Tenho uma mensagem de espera... Estás bem?

Dois – Estou bem... Vim para te matar e em cinco minutos é a segunda vez que me salvas a vida...

Um – Ah... (*Olha algo debaixo da mesa.*) Não há duas sem três... Não te mexas...

Dá uma pancada com o calcanhar debaixo da mesa, agacha-se e levanta uma cobra que mostra ao outro.

Dois – O que é isso?

Um – Uma víbora. Na cidade, é muito raro. Mas podia ter-te matado...

O outro está completamente atónito.

Dois – Não sei o que te dizer...

Um – Não me agradeças, é o mínimo.

Dois – Não tenho a menor intenção de te agradecer... Pelo contrário, tenho cada vez mais vontade de te matar...

O outro finalmente consegue alguém na linha.

Um – Desculpa um momento... Olá, emergências?

7. Batalha

Uma mesa e duas cadeiras. Uma personagem entra pelo lado direito, em guarda. Outra entra pelo lado esquerdo, também com cautela. Ambos usam máscaras sanitárias.

Um – É o senhor Martins?

Dois – Eh... Sim.

O outro saca uma pistola.

Um – Sou assassino a soldo, e tenho a missão de eliminá-lo. Desculpe...

O interlocutor também saca uma pistola.

Dois – Batalha. Eu também sou assassino a soldo, e tenho um contrato para matar-te a ti.

Surpreendido, o outro tira a máscara.

Um – Manolo?

Dois (*tirando também a máscara*) – Paco?

Um – Achei que tinha reconhecido a tua voz.

Baixam as armas e dão um beijo na bochecha.

Dois – Como estás?

Um – Bem, mudei-me para o sul. Agora vivo em Alicante. Mas de vez em quando faço alguns trabalhos em Madrid.

Dois – Ah, claro... Por isso já não te vejo muito por aqui. E como vai o negócio em Alicante? É um bom mercado, não?

Um – Sim, há bastante trabalho. Mas também muito amadorismo. As pessoas preferem resolver as coisas em família ou entre amigos. É raro recorrerem a um verdadeiro profissional.

Dois – Resultado, metade das vezes acabam na prisão.

Um – É verdade... E tu?

Dois – Não me posso queixar. Agora o trabalho está um pouco parado, mas enfim...

Um – As pessoas contam com esta epidemia para fazer o trabalho por elas, sem custo.

Dois – Pois é, o mercado das residências de idosos e das rendas vitalícias está em crise.

Um – Sim... Também para a nossa profissão, é uma época difícil.

Dois – E não recebemos nenhuma ajuda do Estado.

Um – Bom, isso está muito bem, mas o que fazemos?

Dois – Se começamos a matar-nos uns aos outros, aonde é que isso nos leva?

Um – Pois, mas de momento, um contrato é um contrato.

Dois – Tens razão.

Ambos apontam novamente as armas um ao outro.

Um – Fico feliz por te ter visto uma última vez, velho amigo.

Dois – Eu também...

Puxam o gatilho ao mesmo tempo, e ouvem-se dois tiros com silenciador. Ambos caem ao mesmo tempo.

8. Má Sorte

Uma personagem está sentada numa mesa em frente a um copo cheio e outro vazio. Ao lado, há um balde de gelo com uma garrafa de champanhe. Outra personagem chega.

Um – Bond. James Bond.

Dois – I know who you are.

Um – É uma senha para cinéfilos...

Dois – Goldfinger, o meu filme favorito. Sirvo-te um pouco.

Um – Com muito gosto.

O outro serve-o. Brindam.

Dois – Pelo nosso contrato.

Um – Ainda não disse que sim. De que se trata exatamente?

Dois – De matar alguém.

Um – Sou assassino a soldo. Geralmente, é para isso que me chamam. Mas de quem queres livrar-te?

Dois – De mim próprio.

Um – Desculpa?

Dois – Sim, eu sei, é inusitado, mas, afinal de contas, para ti, o que é que muda?

Um – Nada, é verdade.

Dois – Tem até vantagens. A vítima é voluntária, ninguém virá queixar-se, tens a garantia de que não haverá problemas.

Um – No nosso trabalho, nunca há garantias, sabes? A questão é... por que não o fazes tu próprio?

Dois – Porque simplesmente não tenho coragem.

Um – Compreendo. Matar alguém é uma coisa. Tirar a própria vida, é outra. Eu próprio, se um dia quisesse acabar, acho que recorreria a um colega.

Dois – Além disso, não quero causar sofrimento aos meus entes queridos. Um suicídio é sempre um peso para os que ficam. Por que não vi os sinais? Se soubesse, poderia ter evitado?

Um – Claro.

Dois – Um acidente, ou mesmo um assassinato, é muito mais fácil de suportar.

Um – Admito que cada vez recebemos mais pedidos como o teu. No início custava-me um pouco, mas... Quando podemos ajudar...

Dois – Garanto-te que me farás um grande favor.

Um – Se me permites... Porquê?

Dois – Simplesmente por cansaço... A sensação de que o que tinha a fazer nesta vida já passou.

Um – E se mudasses de ideias?

Dois – Lamentavelmente, a cada dia que passa, confirmo esta decisão.

Um – Em qualquer caso, se mudares de ideias, só tens de me enviar um SMS.

Dois – De acordo.

Tira um envelope do bolso e coloca-o sobre a mesa.

Dois – Aqui tens, como combinado.

Um – Muito bem.

Dois – Não o vais contar?

Um – Para onde vais, para que te serviriam uns euros que não me tivesses dado?

Dois – Tens razão.

Um – Pareces boa pessoa. Vou sentir pena...

Dois – Também simpatizo contigo. E, já agora, fico contente que sejas tu a fazê-lo...

Um – Como te disse, dou-me um mês para executar o contrato. Pode ser amanhã ou daqui a um mês. Não saberás o dia, nem a hora, nem o lugar...

Dois – E se te acontecer algo antes?

Um – Algo?

Dois – Que morras antes de mim.

Um – É pouco provável, mas nesse caso, temo que terás de continuar a viver um pouco mais.

Dois – Então, cuida bem de ti.

O outro levanta-se, faz um gesto de despedida e sai. A personagem que ficou termina o seu copo. Ouve-se o guinchar de pneus seguido de uma colisão.

Dois – Ora essa. É o terceiro esta semana...

9. O Dia das Mentiras

Duas cadeiras e uma mesa, com um jarro e um copo. Uma personagem entra com uma máscara sanitária. Outra chega também com máscara. Após um momento de hesitação, o segundo dirige-se ao primeiro com ar de conspirador.

Um – Ser ou não ser...

Dois – Eis a questão.

Um – Que senha mais estúpida...

Dois – Pois é...

Um – Bem. Como lhe disse, o pagamento é adiantado.

O outro entrega-lhe um envelope.

Dois – Aqui tem.

Um – Qual é o nome da vítima?

Dois – João Martins.

Um – Ora, que curioso.

Dois – O que se passa?

Um – Não, nada... Bem, sim... Não deveria dizer-lhe porque não devia saber o meu nome, mas... é um homónimo.

Dois – Um homónimo?

Um – Eu também me chamo João Martins. Enfim, é um nome bastante comum...

Dois – Não é um homónimo.

Um – Estou a dizer-lhe que também me chamo João Martins.

Dois – Sim. E é você quem tem de ser eliminado.

Um – Eu?

Dois – Sim, você.

Um – Contrata-me para que me mate a mim próprio?

Dois – Exactamente.

Um – Mas porquê?

Dois – Um contrato é um contrato, não? E já lhe paguei...

Um – Certo.

Dois – Aqui tem, até lhe trago o veneno.

Entrega-lhe um saquinho.

Um – O que é isto?

Dois – Veneno para formigas.

Um – Certo.

Dois – Posso contar consigo?

Um – Claro...

Sai. O outro fica um momento desconcertado. Senta-se na cadeira, reflete um instante, depois despeja o conteúdo do saco no copo, acrescenta água, mexe e está prestes a beber. O outro volta, a rir-se, sem máscara.

Um – Inocente!

O que está sentado sai do seu estupor e reconhece-o.

Dois – És mesmo um idiota, Toni.

10. Memórias

Ele está sentado numa mesa, com um caderno à sua frente. Parece pensativo. Ela chega.

Ela – Estás bem? Tens um ar estranho...

Ele – Estava a pensar.

Ela – Ah... Deve ser por isso... (*Pausa*) E em que estavas a pensar?

Ele – Perguntava-me se... não deveria escrever as minhas memórias.

Ela – Desculpa?

Ele – As minhas memórias...

Ela – As tuas memórias?

Ele – Pois, as minhas memórias. A história da minha vida, vá lá.

Ela – Estás bem?

Ele – Sim, estou, porquê?

Ela – Não sei... Como falas de escrever as tuas memórias...

Ele – Não disse que queria escrever o meu testamento, disse que queria escrever as minhas memórias.

Ela – Está bem...

Ele – Pode-se querer escrever as memórias sem estar nas últimas. Também o testamento, já agora.

Ela – Mas... Continuas a ser jovem para escrever as tuas memórias, não?

Ele – Quando queres que as escreva? Quando estiver morto? Ou com Alzheimer?

Ela – Tens problemas de memória?

Ele – Não disse que tenho problemas de memória! Disse que quero escrever as minhas memórias!

Ela – Como mencionaste o Alzheimer...

Ele – O que digo é que, para escreveres as tuas memórias, tens de ter memória.

Ela – Claro, mas é preciso teres recordações interessantes para contar.

Ele – E achas que não tenho?

Ela – Digamos... E achas que isso vai interessar a alguém?

Ele – Obrigado pelo apoio...

Ela – O que quero dizer é que... Tu não és o Neil Armstrong. Não pisaste a Lua.

Ele – Certo, não pisei a Lua, mas aconteceram-me algumas coisas.

Ela – Ah sim? Quando?

Ele – Sei lá... Talvez antes de te conhecer.

Ela – Está bem.

Ele – Claro que depende de como se conta. Mesmo que sejam só anedotas, se forem bem contadas...

Pausa.

Ela – E... vais falar de mim?

Ele – Não sei... Não necessariamente.

Ela – Vais escrever as tuas memórias e não vais falar de mim?

Ele – Claro que vou falar de ti.

Ela – Então, vais falar de mim.

Ele – Sim.

Ela – E o que vais contar sobre mim?

Ele – Ainda não sei.

Ela – Pois eu gostava de saber, olha.

Ele – Nem comecei a escrever e já queres censurar-me.

Ela – É a minha vida, não? E se o que contares sobre mim não me agradar?

Ele – Nesse caso, escreve também as tuas memórias! Assim as pessoas poderão comparar e formar a sua própria opinião.

Ela – O quê? Achas que não sou capaz de escrever as minhas memórias?

Ele – Não disse isso.

Ela – Mas insinuas. E insinuas também que a minha vida não é tão interessante como a tua.

Ele – A tua vida? Estamos juntos há anos!

Ela – Pois, mas dizes que o mais interessante que te aconteceu foi antes de me conheceres.

Ele – Talvez.

Ela – Também me aconteceram coisas interessantes antes de te conhecer, sabias?

Ele – Ah sim? Como o quê, por exemplo?

Ela – Agora, assim de repente, não sei, mas tenho a certeza de que, a pensar bem...

Ele – Pois, pois...

Ela – És tu que queres escrever as tuas memórias, tiveste tempo para pensar nisso, eu não.

Ele – Força então... Pensa. E quando te lembrares, diz-me. Eu, entretanto, vou escrever as minhas memórias noutra sítio, porque aqui não há maneira de me concentrar.

Levanta-se.

Ela – Concentrar-se. Coitadinho... (*Olha para a folha que ele deixou na mesa e lê.*) «Memórias de um assassino a soldo»... O que é que isto significa?

Ele – É o título.

Ela – Mas tu não és um assassino a soldo.

Ele – Pois sou.

Ela – Durante todos estes anos que vivemos juntos, eras um assassino a soldo?

Ele – Pois sou.

Ela – Eu pensava que eras canalizador.

Ele – Isso era só uma fachada...

Ela – E há mais coisas que não me contaste?

Ele – Só terás de ler as minhas memórias...

Ela – Pois... E tu as minhas!

Ele sai. Ela senta-se no lugar dele, tira uma folha e uma caneta e começa a pensar.

Ela – Ora bem, por onde começo... Ah, isto não está mal. «Memórias de uma acompanhante»...

Começa a escrever.

11. Lola

Uma personagem está sentada numa mesa. Outra chega, com óculos escuros, e dirige-se a ela.

Um – Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada.

Dois – À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do universo.

Um – Muito bem. Mas não é universo, é mundo.

Dois – Desculpa?

Um – Todos os sonhos do mundo.

Dois – Ah, sim...

Um – Sente-se.

O outro senta-se.

Dois – De qualquer modo, é uma senha um pouco tola.

Um – E porquê?

Dois – Toda a gente conhece a segunda parte.

Um – Ao que parece, você não...

Dois – Desculpe, não sabia que os assassinos a soldo eram tão exigentes com a poesia de Fernando Pessoa.

Um – É de Luís de Camões.

Dois – Certo...

Um – Estou a ouvir.

Dois – Gostaria de fazer desaparecer alguém.

Um – Sim, em geral é para isso que me chamam... Como se chama essa pessoa?

Dois – Lola.

Um – Lola?

Dois – É uma cadela.

Um – Bem, isso não é da minha conta...

Dois – Não, quero dizer que... é mesmo uma cadela.

Um – Uma cadela? Quer dizer um animal?

Dois – Sim. Uma cadela. A fêmea do cão.

O outro levanta-se para ir embora.

Um – Lamento, mas temos uma certa ética no nosso trabalho. Nunca matamos animais.

Dois – Espere... Ofereço-lhe o dobro.

Intrigado, o outro volta a sentar-se.

Um – Porque é que quer matá-la, para começar?

Dois – Se a conhecesse, não diria “pobre criatura”, acredite em mim.

Um – Conte-me...

Dois – Era a cadela da minha esposa.

Um – Era?

Dois – Ela morreu.

Um – A cadela?

Dois – A minha esposa!

Um – Lamento.

Dois – Não lamente... Fui eu que a matei.

Um – E... porquê, se é que se pode saber?

Dois – Na verdade... foi mais um acidente.

Um – Um homicídio involuntário, quer dizer?

Dois – Digamos... um ato falhado.

Um – Compreendo.

Dois – Estávamos os três a caminhar junto a uma falésia e...

Um – Os três?

Dois – Com a Lola.

Um – Ah, claro...

Dois – Empurrei-a um pouco, acidentalmente, ela escorregou e foi estatelar-se lá em baixo.

Um – E a polícia não o incomodou?

Dois – A polícia, não. Mas a Lola viu tudo. E desde então...

Um – O quê?

Dois – Ela olha para mim.

Um – Olha para si?

Dois – Com um olhar acusador.

Um – Compreendo.

Dois – Conhece aquele episódio da Bíblia? O olho estava no túmulo e olhava para Caim.

Um – Soa-me vagamente. Embora, sabe, no meu trabalho a Bíblia não é propriamente o meu livro de cabeceira.

Dois – Pois para mim é a Lola. O dia todo, fixa-me com aquele olhar. Tornou-se insuportável.

Um – Compreendo.

Dois – Não acho que possa entender. Se isto continuar, acabo por fazer uma loucura.

Um – Podia livrar-se dela você mesmo. Afinal, matou a sua esposa.

Dois – Sim, mas tenho medo.

Um – Medo?

Dois – Há algo sobrenatural nisto, asseguro-lhe. Não é só um animal. É...

Um – O quê?

Dois – Esse olhar... O olhar da Lola... É o da minha esposa.

Pausa.

Um – Conseguiu arrepiar-me, a mim também. E, com o trabalho que faço, acredite que já vi de tudo...

Dois – Livre-me da Lola, suplico-lhe.

Um – Lamento muito, mas... Não me dedico a reencarnações.

Dois – Então o que será de mim?

Um – Não sei... Um cão?

Levanta-se e sai. O outro fica em silêncio um momento.

Dois – Um cão...? Au... Au, au...

12. Assinaturas

Um homem e uma mulher estão sentados a uma mesa, de frente para o público, cada um com uma pilha de livros, como numa sessão de autógrafos. O título do livro do homem é Memórias de um assassino a soldo, e o da mulher, "Memórias de uma acompanhante".

Ele – Podias pelo menos ter procurado outro título...

Ela – Por que eu?

Ele – Porque eu realmente fui um assassino a soldo!

Ela – E tu o que sabes? Talvez eu também tenha sido acompanhante...

Ele – Pois sim, pois sim.

Ela – E o que me garante que realmente foste assassino a soldo?

Ele – De qualquer modo, fui eu que tive a ideia de escrever as minhas memórias primeiro.

Ela – Veremos qual dos nossos livros vende mais.

Pausa.

Ele – Por agora, não há muita gente.

Silêncio.

Ela – Já leste, ao menos?

Ele – O quê?

Ela – O meu livro!

Ele – Não. Não achas que o vou comprar, pois não?

Pausa.

Ela – Vá lá, ofereço-to.

Ele – Que grande prenda. De qualquer modo, não se vende.

Ela – Olha, até faço uma dedicatória para ti.

Escreve algumas palavras na capa e assina. Ele pega no livro e lê a dedicatória.

Ele – Que simpático...

Ela – É o que penso. E tu?

Ele – Eu o quê?

Ela – Dedicas-me o teu livro?

Ele pega num dos seus livros da pilha e escreve algumas palavras. Passa-lhe o livro, e ela abre-o.

Ela – Também é bonito...

Ele – Mas eu não penso isso... (*Ela franze o sobrolho.*) Que sim, tonta!

Cada um começa a ler o livro do outro.

Ela – É curioso. Depois de todos estes anos de vida em comum, tenho a impressão de que não vivemos a mesma vida.

Ele – Sim, tenho exatamente a mesma impressão...

Ela – A tua parece apaixonante.

Ele – Menos que a tua.

Ela – Na realidade, vivemos juntos uma vida apaixonante... mas não a mesma.

Ele – Pelo menos, teremos coisas para nos contar até ao fim dos nossos dias.

Ela – Sim...

Música.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Breves de palco
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-273-9

Documento para download gratuito